

## CULTURA

Túlio Espanca, autodidacta e historiador de Évora, ao PÚBLICO

## ‘O Governo tem que vigiar as fronteiras depois de 1993’

LÍDIO TEIXEIRA



Túlio Espanca: “O historiador de Évora, eu? É uma lisonja, de certo modo ilusória”

Marcial Rodrigues

*Há um ano, Túlio Espanca foi doutorado “honoris causa” pela Universidade de Évora, última distinção de um autodidacta que trilhou, como muito poucos, os caminhos rudes e imprevisíveis da História local. Pretexto para uma entrevista com este grande conversador e para esboçar o percurso de um homem que, vivendo na História, não se esconde do presente: de Vila Viçosa a Évora, da prima e madrinha Florbela Espanca à abertura das fronteiras em 1993, de tudo falou Túlio Espanca.*

**T**úlio Espanca nasceu em Vila Viçosa no ano de 1913. Com sete anos de idade, radicou-se em Évora, cedo começando a trabalhar. Fez a es-

cola primária, não podendo frequentar o liceu: “No meu tempo, havia o Primário e o Secundário, com uma certa limitação para famílias modestas, como era o caso. Éramos seis filhos, não havia hipótese de estudarmos a não ser a instrução primária, que todos tirámos”.

Ainda há lugar para autodidactas, como Túlio Espanca? “Em menor número, porque há muito maior facilidade de acesso a escolas”, diz, sentindo-se, em parte, um homem de outro tempo, no que respeita ao trabalho de historiador. Hoje existe “um ensino especializado sobre temáticas variadíssimas”, que não eram comuns no período em que esteve na escola. E não esquece que foram os seus professores quem, em parte, contribuiu para a sua vontade de estudar.

### A madrinha Florbela

Primo e afilhado da poetisa Florbela Espanca, terá ela exercido influência sobre a personalidade do jovem Túlio? “Sim, profunda. Porque a Florbela vinha com muita frequência a Évora, porque o pai, João Maria Espanca, que era antiquário,

fotógrafo e pintor amador, tinha casa nesta cidade para tratar dos seus negócios e dos seus interesses culturais — apreciava muito a música e foi presidente de uma Filarmónica em Vila Viçosa — e para alojamento do seus dois filhos, a poetisa Florbela e o malgrado aviador Apeles Espanca, jovens estudantes em Évora”.

As recordações prosseguem: “Eu, como a filho de Florbela, passei a frequentar a casa do tio, isto depois do seu curso e dos seus casamentos, porque o afecto de Florbela por mim era intenso: era minha madrinha de baptismo. Nos últimos anos da poetisa, essa assiduidade foi maior, porque, tendo eu já conhecimentos de literatura, lera várias vezes a sua obra e porque na casa dela se reuniam, com alguma frequência, personagens de cultura local, alguns professores e, principalmente, o grande pensador Raul Proença.

Proença foi aliás crítico de algumas partes da obra da artista — e como poeta também se atreveu a sugerir-lhe modificações na sua poesia. Recordo-me até de, numa dessas reuniões, ter ouvido da boca de Florbela os sonetos ‘Évora’ e ‘A Janela de

Garcia de Resende”.

Túlio Espanca tinha, na altura, cerca de 15 anos de idade. E adianta outro pormenor: “Curiosamente, foi João Maria Espanca quem escolheu também os padrinhos dos meus irmãos. Sendo o homem de amor às letras e às artes, deu-nos nomes que evocam a literatura clássica greco-romana e a música: Demóstenes, Apeles, Sócrates, Natal e Túlio. Este, o meu nome, acrescido, por vontade de Florbela, do sobrenome de Alberto, nome do então namorado Alberto Moutinho, seu primeiro marido, cujo casamento decorreu precisamente no ano do meu nascimento”.

### Aprendizagem permanente

Em 1940, Túlio Alberto Espanca entrou para a secção de cultura e turismo da Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Évora. O gabinete deste autodidacta tornou-se um local de frequência obrigatória para quem se dedicava à História de Évora. Célebres se tornaram também as suas visitas guiadas aos mais diversos locais da cidade e do distrito, onde, desde 1964 e até há

bem pouco tempo, deu a conhecer a variadíssimos públicos não só os múltiplos aspectos das obras de arte e da arquitectura aí existentes, mas também as muitas pequenas estórias a que estão ligadas.

Entretanto, aprofundara os seus conhecimentos com a frequência do Museu e da Biblioteca de Évora: "Tive o privilégio de ser muito amigo dos directores desses estabelecimentos de cultura", diz, recordando Mário Chicó, Luís Silveira e Armando Gusmão, que lhe proporcionaram contactos com outros investigadores, historiadores, críticos, escritores. "O que foi preponderante na minha formação estética, crítica e analítica", acrescenta.

Mas não deixa de estabelecer diferenças entre a situação da Cultura em Portugal de antes e de depois de 25 de Abril de 1974: "Constatado que, depois dessa data, as publicações têm-se multiplicado. Dou o meu caso como exemplo: tendo eu já montado o texto original do primeiro volume do 'Inventário Artístico do Distrito de

Beja', confrontei-me com múltiplas publicações, com estudos verdadeiramente originais, que terei, em aditamentos, que integrar, com respectiva vénia aos autores. Muitos dos concelhos desse distrito não tinham quaisquer monografias ou outros trabalhos de história local editados antes de 1974".

### Saudades das tertúlias

Saudoso dos ambientes de tertúlia que marcaram durante décadas e décadas a vida cultural portuguesa, lamenta que numa cidade como Évora, "com vários professores de História de Arte, quer na Universidade, quer noutras escolas; com uma associação cultural que é o Grupo Pró-Evora, com instalações capazes de proporcionar uma reunião de homens com capacidade intelectual para produzirem regularmente obras sobre Évora; e com o boletim "A Cidade de Évora", em publicação desde 1942", não surjam

mais publicações sobre a sua história.

Túlio Espanca, "O Historiador de Évora"? Não se considera assim e diz que "é uma lisonja, de certo modo ilusória. Houve muitos dos historiadores que trataram da história de Évora, quer no passado recente, quer no passado remoto". E cita os cronistas da Companhia de Jesus, especialmente o padre Manuel Fialho, e André e Garcia de Resende; e, deste século, António Francisco Barata, Augusto Filipe Simões, Cunha Rivera, Gabriel Pereira e Celestino David, "que se reportaram quase estruturalmente apenas ao estudo histórico ou poético e não artístico dos monumentos de Évora e da região", sendo mérito seu o dedicar-se mais a este último aspecto.

### "A habitual falta de verbas"

O estado actual do património artístico e histórico de Portugal, "sob alçada dos Monumentos Nacionais e do

IPPC, entidades idóneas", merece-lhe reparos: "A habitual falta de verba para dotação da conservação dos inúmeros monumentos nacionais, espalhados por todo o país, que se encontram degradados, tem contribuído — não direi por negligência, mas, por vezes, por falta de interesse das esferas superiores que superintendem à sua conservação — para a deficiente manutenção do seu estado.

O concelho de Évora tem exemplos evidentes desse desinteresse, referindo "os flagrantíssimos casos de ruína em que se encontram edifícios que, pela sua importância arquitectónica ou estética, mereciam melhor atenção": o Solar da Sempre Noiva, santa Clara do Aivado, a Igreja de S. Jordão, a fonte da Quinta do Mestre André de Resende, na Quinta do Arce-diago, ou as pinturas murais quinhentistas do claustro da Casa de Vasco da Gama e da abóbada da Igreja do Espírito Santo, estes últimos na cidade de Évora.

Outra situação que consi-

dera é a de abertura das fronteiras em 1993: "O Governo tem que estudar com muito cuidado a vigilância das fronteiras. Preocupa-me a liberdade de passagem de pessoas interessadas em objectos de arte antiga, pois já na actualidade a fuga dessas peças tem sido gravosa e numerosa, como é do conhecimento público. Tem muito pela integridade do nosso património histórico e artístico, nomeadamente das pequenas peças, como a escultura, a ourivesaria, as edições raras de livros".

A conversa chega ao fim. Não porque Túlio Espanca nada mais tenha para dizer, mas porque a idade não perdoa e a saúde não tem sido boa nestes últimos anos. Mas o olhar que procura no passado a história da região pousa também em pequenos episódios, como o da chegada da menina Amália Pires, futura mãe do escultor João e do embaixador José, ambos Cutileiro, à sua escola primária, a de S. Mamede, em Évora, descendo do trem que a transportara: "Parecia uma fada!" ■

## Historiador de Évora

A PRIMEIRA publicação de um estudo histórico de Túlio Espanca ocorreu em 1939, no jornal "O Arraiolense", com uma memória sobre Vila Viçosa, sua terra natal. Da sua vasta obra, destacam-se os estudos "As Pinturas da Catedral de Évora em 1537 e o Retábulo da Capela do Esporão" (1944); "Guia de Évora" (1949); "Arrolamento das Freguesias do Concelho de Évora" (1957); "Herculano e o Panorama da sua Época na Cidade de Évora" (1960); "Subsídios para a História da Justiça em Évora" (1963); "O Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi" (1964); "Inventário Artístico de Portugal — VII — Concelho de Évora" (1966); "Terras do Distrito de Évora" (1969); "Paço Real de Évora" (1973); "Inventário Artístico de Portugal — VIII — Distrito de Évora — Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora e Vendas Novas" (1975); "Inventário Artístico de Portugal — IX — Distrito de Évora — Concelhos de Alandroal, Bor-

ba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa" (1978); "Oficinas e Ciclos de Pintura em Évora no Século XVI" (1979); "Évora — Arte e História" (1980); "Encontros com a Cidade" (1988).

Actualmente, o principal trabalho que tem em mãos é a publicação do primeiros dos dois volumes do "Inventário Artístico de Portugal — Distrito de Beja", para a qual foi, finalmente, concedida verba à Academia Nacional de Belas Artes.

Editor, desde a primeira hora, do boletim "A Cidade de Évora" — actualmente no número 70 e de que está a ser preparada uma edição especial comemorativa das bodas de ouro em 1992 —, é nesta publicação e nos "Cadernos de História e Arte Eborense", num total de 36, que encontramos a maior parte da sua obra. Assinou também artigos importantes nos "Tesouros Artísticos de

Portugal", na "Enciclopédia Verbo" e na revista "Colóquio", entre outras publicações, nomeadamente na imprensa regional eborense. Entre 1954 e 1973, organizou diversas exposições de história da arte no Palácio de D. Manuel, em Évora, de que se publicaram catálogos ilustrados.

Em 1953, foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura em França e em Itália; desde 1959, é membro da Academia Nacional de Belas-Artes, e seu Académico Honorário desde 1982; em 1976, entrou na Academia Portuguesa de História; em 1981, a Fundação F.V.S., de Hamburgo, atribuiu-lhe o Prémio Europeu para a Conservação de Monumentos Históricos; em 1982, a Câmara Municipal de Évora distinguiu-o com a Medalha de Ouro da Cidade; nesse mesmo ano, foi agraciado com a Comenda de Santiago da Espada pelo Presidente da República; em 1991, foi doutorado "honoris causa" pela Universidade de Évora. ■ M.R.



DN

▶ MORREU o doutor Túlío Espanca

# Évora empobrecida com a morte do seu doutor

TÚLIO ESPANCA, historiador e crítico de arte, académico honorário da Academia Nacional de Belas-Artes e académico correspondente da Academia Portuguesa de História, detentor do prémio europeu para a conservação de monumentos históricos e um dos maiores conhecedores da História alentejana e da cidade de Évora, faleceu no domingo, aos 79 anos, no Hospital Distrital de Évora, para onde fora transportado de urgência, depois de uma queda.

«Um homem cheio de valor» foi como o adjectivou Santos Júnior, reitor da Universidade de Évora. Universidade que concedeu a Túlío Espanca o grau de doutor *honoris causa*, apesar de o historiador não pos-

suir qualquer grau académico. Mas, como diz o padre Joaquim Lavajo, que desenvolveu a biografia e a bibliografia do doutor eborense, Túlío Espanca era «exuberantemente detentor da competência científico-pedagógica» que aquele grau académico pressupunha. Aliás, dúvidas não existiam quanto à competência de Túlío Espanca, o seu doutoramento foi aprovado por unanimidade, pelo conselho científico da Universidade.

Joaquim Lavajo, que, na altura do doutoramento, proferiu o elogio de Túlío Espanca, referiu que a obra deste «há-de perpassar de geração em geração, iluminando e instruindo todos aqueles que desejarem conhecer a História de Évora e do Alente-

jo». Enquanto o presidente da Câmara Municipal de Évora, Abílio Fernandes, afirmava ser o doutoramento «uma homenagem de justiça enorme», a um homem que muito «contribuiu para a elevação da cidade de Évora a Património Mundial, pela UNESCO.

Túlío Alberto Roxa Espanca nasceu em Vila Viçosa a 8 de Maio de 1913, familiar da poetisa Florbela Espanca, foi autor do inventário artístico de Portugal (distritos de Évora e Beja), estudos histórico-artísticos do concelho de Évora, cadernos de história eborense, para além de numerosos guias e inventários sobre o património histórico-artístico do Alentejo.

# Historiador e crítico de Arte eborense Morreu Túlio Espanca

**Túlio Espanca, insigne investigador que procedeu à inventariação do Património artístico e arquitectónico da província do Alentejo, faleceu no domingo passado em consequência de uma queda. A sua perda foi tão profundamente sentida pela sua cidade natal – Vila Viçosa – que foi declarado Luto Municipal de dois dias, pela sua morte.**

O historiador Túlio Espanca, de 79 anos de idade, morreu, durante a tarde de anteontem, em Évora, vítima de queda. O autor do Inventário Artístico de Portugal – Distritos de Évora e Beja – que foi agraciado pelo presidente da República, em 1982, com a Medalha da Ordem Militar de Santiago de Espada, foi vítima de queda de uma janela quando visitava a Pousada dos Loios, em Évora – local que visitava habitualmente.

Túlio Espanca, que desde algum tempo tinha problemas de saúde, deu entrada no Hospital Distrital de Évora pelas 16,00 horas de domingo, faleceu uma hora depois. O corpo do investigador, que foi autopsiado ontem e esteve em câmara ardente no Palácio de D. Manuel, no Jardim Público de Évora, será sepultado hoje no cemitério da cidade.

A perda foi tão sentida pela autarquia de Vila Viçosa que foram decretados, ontem, dois dias de Luto Municipal pela morte do historiador, por decisão do presidente da Câmara Municipal, Abílio Fernandes.

Familiar da poetisa Florbela Espanca, Túlio Espanca nasceu em Vila Viçosa no dia 8 de Maio de 1913 e era Doutor Honoris Causa pela Universidade de Évora, grau que lhe foi atribuído unanimemente pelo Conselho Científico e Senado daquela Universidade.

O historiador e crítico de Arte era académico honorário da Academia Nacional de Belas Artes

e académico correspondente da Academia Portuguesa de História, tendo recebido também o prémio Europeu para a conservação dos monumentos históricos.

**Reitor da UE:  
«Um homem  
cheio de valor»**

Túlio Espanca foi responsável pela edição do boletim «A Cidade de Évora» e publicou diversos trabalhos sobre a capital alentejana, e ainda uma obra sobre os mosteiros de Vila Viçosa.

Em reconhecimento do seu trabalho, o historiador ia ser alvo, no próximo sábado, dia em que completava 80 anos, de uma homenagem promovida pela Câmara Municipal de Vila Viçosa.

A homenagem, estava programada para celebrar a passagem do 80º aniversário do pensador vai realizar-se apesar da sua morte.

A iniciativa destina-se a reconhecer o seu trabalho de inventariação e divulgação

do Património Arquitectónico do Alentejo, e inclui uma conferência do professor Veríssimo Serrão, presidente da Academia Portuguesa de História. O programa continuará com o descerramento de uma placa toponímica que daria o nome de Túlio Espanca a uma artéria da vila.

A autarquia evorense já havia distinguido Túlio Espanca com a Medalha de Ouro da cidade.

O historiador Túlio Espanca, falecido na tarde de anteontem, era um «um ho-

mem cheio de valor», considerou o reitor da Universidade de Évora, Santos Júnior, que lhe havia concedido o maior grau académico a título honorífico.

O reitor da Universidade de Évora acrescentou que «é uma notícia triste a morte de Túlio Espanca».

**Sua obra há-de  
perpassar de geração  
em geração**

Na altura do doutoramento, o padre Joaquim Lavajo, que proferiu o elogio a Túlio Espanca, disse que a obra do historiador «há-de perpassar de geração em geração, iluminando e instruindo todos aqueles que desejarem conhecer a História de Évora e do Alentejo».

A vastidão da obra de Túlio Espanca é assombrosa», disse o patrono do doutoramento, ao recordar o trabalho que o historiador desenvolveu durante várias dezenas de anos, com a publicação de guias, inventários e estudos Histórico-Arquitectónicos do concelho de Évora, para além de cadernos de História e Arte Eborense.

Ao desenvolver a biografia e a bibliografia de Túlio Espanca, Joaquim Lavajo disse que a

Universidade atribuiu o mais alto grau honorífico a uma personalidade que, «não possuindo qualquer grau académico, é detentor de um modo exuberante da competência científico-pedagógica que aqueles pressupõem».

Na mesma ocasião, o presidente da Câmara Municipal de Évora, Abílio Fernandes, considerou o doutoramento «uma homenagem de justiça enorme», realçando «o rigor científico e a quantidade e qualidade da obra de Túlio Espanca».

Para Abílio Fernandes, terá sido o trabalho daquele especialista que «contribuiu para a elevação da cidade de Évora a «Património Mundial», pela Unesco.

**Túlio Espanca**

# Évora despede-se do filho dilecto

A homenagem pública a Túlio Espanca, programada para o próximo sábado em Vila Viçosa, vai manter-se, embora com algumas alterações no programa, e apesar da morte do historiador, segundo informou o presidente do município local.

A homenagem visa "reconhecer publicamente o esforço e dedicação de Túlio Espanca na inventariação e divulgação do valioso património arquitectónico do Alentejo, árduo trabalho que as gerações futuras encarregar-se-ão de distinguir como imprescindível no levantamento do riquíssimo espólio monumental da região".

Promovida pelo município calipolense, a homenagem pública destinava-se a assinalar a passagem do 80º aniversário do nascimento do historiador e crítico de arte, muito conhecido nos meios culturais alentejanos e nacionais e envolve o descerramento de uma placa toponímica com o nome do historiador numa nova artéria da vila.

Túlio Espanca faleceu domingo à tarde em Évora quando, ao que tudo indica, se lançou de uma janela da Pousada dos Lóios. O historiador, que desde há algum tempo tinha problemas de saúde, terá preferido uma morte digna, em vez de se tornar um fardo para os outros, como referem pessoas que lhe eram próximas.

O historiador foi sepultado, ontem à tarde, no cemitério do Espinheiro, em Évora. O trajecto do cortejo fúnebre, que saiu do Palácio de D. Manuel, onde o corpo se encontrava em câmara ardente, envolveu a passagem junto aos principais monumentos da cidade, incluindo a Sé Catedral e a Torre das Cinco Quinas, além da Praça do Giraldo.

O facto de Túlio Espanca ser sepultado em Évora, considerada a "sua cidade" e não na terra natal, Vila Viçosa, deve-se a uma decisão da família.

Nascido a 8 de Maio de 1913, em Vila Viçosa, Túlio Espanca, considerado "um autodidacta na plena acepção da palavra", viu a sua vasta obra reconhecida a nível nacional e internacional.

Era o único membro da Academia de Ciências que possuía a instrução primária. Doutor "Honoris Causa", pela Universidade de Évora, Túlio Espanca foi distinguido pela Câmara Municipal de Évora com a medalha de ouro da cidade e agraciado, em 1982, pelo Presidente da República, com o grau de Oficial da Ordem de Santiago de Espada. Recebeu ainda o Prémio Europeu para a Defesa dos Monumentos Históricos da Fundação F.V.S. de Hamburgo.

Da sua obra destaca-se o "Inventário Artístico de Portugal -- Distritos de Évora e Beja", e a edição do boletim "A Cidade de Évora", entre numerosos trabalhos sobre a capital alentejana. Túlio Espanca também contribuiu para a elevação de Évora a "património mundial", pela Unesco.

Pela morte do historiador e pelo seu notável trabalho de investigação e divulgação relativamente ao concelho de Évora e região alentejana, facto que, em larga medida, contribuiu para a projecção nacional e internacional de Évora, foi decretado luto municipal de dois dias, para a passada segunda-feira e ontem, dia do funeral.

**EVORA DESPEDE-SE DO FILHO  
DILECTO JORNAL CORREIO  
DA MANHA LISBOA 05.05.1993**

**O ADEUS DA CIDADE DE ÉVORA A TÚLIO ESPANCA** — Évora despediu-se do historiador Túlio Espanca ao fim do dia de ontem. Passava das 18 horas quando o cortejo fúnebre abandonou o Palácio de D. Manuel, onde o corpo ficara em câmara ardente. A pé, amigos, familiares e admiradores do historiador acompanharam-no na última passagem pelos lugares da sua paixão: a Praça do Giraldo, a antiga Rua da Selaria, a Sé e o Templo Romano, onde iniciou a sua actividade de divulgador da história da cidade e que ladeia o antigo Convento de São João Evangelista, onde morreu, no passado dia 2. Abílio Fernandes, presidente do município, fez o elogio ao homem que “trazia no sangue o Alentejo” e que “teimosamente levou uma vida aamá-lo a estudá-lo a ensiná-lo aos outros”.

**O ADEUS DA CIDADE DE EVORA A TULIO ESPANCA JORNAL  
PUBLICO LISBOA 05.05.1993**

# A SEMANA

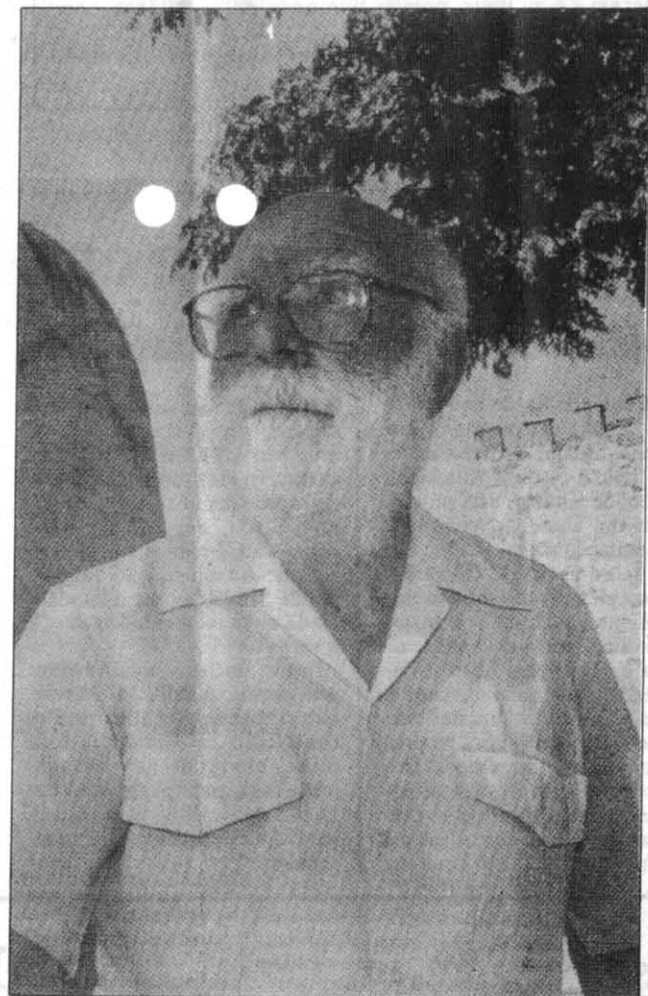
Fernando Paulouro Neves

## Evocção de Túlio Espanca

HÁ notícias feitas de lágrimas que fazem parar a tristeza no pensamento. É quando falam de amigos que subitamente nos deixam e nós ficamos confrontados com o irremediável e definitivo silêncio da morte. Foi assim esta semana com Túlio Espanca. Ele pertencia àquela singularidade de homens que vivem em todas as adversidades e limitações com a força de um talento e de uma inteligência que se afirmam como traços permanentes de uma personalidade. Túlio Espanca foi em tudo um homem singular. A sua alma de historiador, que o fazia ler as coisas simples da sua Évora com a humildade de quem estava sempre a aprender as particularidades do lugar que habitava o seu coração, teve acção determinante na transformação de Évora em património da Humanidade. Chegou ao cume das distinções académicas, doutor honoris causa pela Universidade de Évora, membro da Academia de História e da Academia Nacional de Belas Artes, ele que fora barbeiro e autodidacta! Amava a sua cidade, o seu Alentejo de cal branca e de searas loiras incendiadas pelo sol, e esse amor corria como um rio de águas límpidas nas pequenas conversas com anónimos cidadãos ou nos momentos solenes, quando ensinava a história da cidade, decifrava enigmas esculpidos nas pedras ou no pó dos cartórios, a presidentes ou reis. Quando lhe atribuíram o Prémio Europeu para a Conservação dos Monumentos Históricos, explicou: «O prémio, encontro-o melhor entregue à terra que alguns artistas chamaram cidade-museu do que a mim mesmo, pois somente ela, pelo seu passado monumental e pela sua história, verdadeiramente o merece». Esta sua entrega à cidade traduz-se numa obra de investigação notável, que fica como referência indispensável aos que vão continuar a tentar descobrir sinais de futuro nas sombras do passado.

EM PRAGA, em 83, enquanto subíamos ao Castelo, ou passeávamos pelas velhas ruas de Kafka, filtradas ao sol da tarde, conversávamos longamente sobre as questões do património, sobre ruínas portuguesas, sobre a ciência de habitar o coração das terras. Túlio Espanca era sempre uma lição viva. E quando lhe falei em Celestino David, que a Covilhã lamentavelmente parece ter esquecido, o historiador referenciou-me textos, assinalou-me percursos de uma biografia fascinante. Nesses dias se cimentou a amizade com o Mestre. Tenho à minha frente uma carta sua, que acompanhou o envio de *A Cidade de Évora*, onde vinha «publicado o inédito do poeta e escritor covilhanense Celestino David, trabalho póstumo que ficou incompleto, mas tem o maior interesse biográfico». E num convite sempre repetido: «Aceite um grande abraço do amigo alentejano e oxalá o possa cumprimentar nesta casa de Évora, terra de liberdade».

A morte de Túlio Espanca, quando Vila Viçosa, onde nascera, se prestava para o homenagear, representa um empobrecimento para a cultura portuguesa. Dizer isto é dizer muito e dizer nada. Ficou dele o saber, os gestos largos para o universo da história local e regional, a pedagogia para ensinar a amar uma rua, uma casa, uma pedra, uma árvore. Já uma vez contei, o que diziam os seus amigos de adolescência, quando o ouviam discorrer sobre as coisas simples e terrenas: «Este gajo fala como os livros!» Túlio Espanca foi, de certo modo, um livro aberto, uma biblioteca de fecunda inquietação onde se cruzaram sempre vários saberes. Os saberes da vida. E da História.



# Um grego de Évora

Rui Rocha\*

TÚLIO Espanca morreu no passado 2 de Maio. Com ele desapareceu um dos últimos exemplos de autodidacta que existia em Portugal. Foi, ao mesmo tempo, um homem da rua e um investigador dos arquivos. Escreveu os **Inventários artísticos de Évora e Beja**, oito volumes cabais publicados pela Academia Nacional de Belas-Artes — o último, sobre Beja, sairá em Junho próximo. Nem por isso deixou de ser a figura disponível para contar a sua terra a quem por Évora passava. «O seu verbo eloquente», escreveu Joaquim Chorão Lavajo num opúsculo da Universidade de Évora dedicado ao erudito, «transformava o Túlio cicerone eborense num lídimo imitador do Túlio Cícero romano». Nos últimos anos deixara crescer longas barbas brancas, que lhe davam um aspecto de patriarca, e passava muitas das horas de reflexão e leitura no jardim público, isolado num banco discreto. Mas não deixou as ruas que sempre calcorreara.

Escreveu. Escreveu imenso: vinte e seis títulos, para além dos volumes já referidos, dos 32 números dos **Cadernos de História e Arte Eborense**, de inúmeras colaborações em catálogos e obras de referência. E falou ainda mais: desde que, em 1939, fez um curso de cicerones onde ficou em primeiro lugar, nunca mais deixou de animar com a sua palavra os percursos pela sua cidade.

E, se não tirou cursos universitários, leu. Tudo. E sobre isso pensou. Um dos bons historiadores de arte das novas gerações, Vítor Serrão, testemunhou no «Público»: «De facto, Espanca foi indiscutivelmente um historiador de arte de grande nível cuja marca pedagógica e metodológica influenciou em muitos dos mais jovens historiadores de hoje».

Em 1959 entrou, com a sua 4ª classe e o seu saber enorme, na Academia Portuguesa de História, acontecimento invulgar a mais de um título. Em 1987, fez com que Évora menina dos seus olhos entrasse nas listas da Unesco como Cidade Património Mundial: primeiro caso em Portugal de uma Tclassificação a este nível.

Em 1993, matou-se. Entrou pela Pousada dos Lóios e

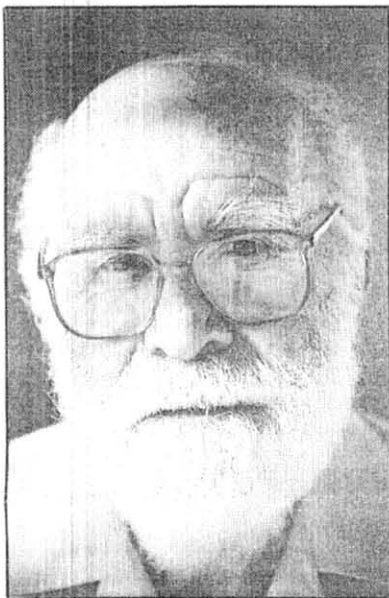


Foto: Público

Túlio Espanca: a memória de Évora

deixou como sinal do último lugar onde esteve vivo a bengala que desde há uns anos apoiava o seu equilíbrio precário — até na morte autodidacta, com a independência de espírito dos gregos e latinos de outrora, que não iam à universidade, que não existia, e sabiam porque queriam saber; e que deixavam a vida porque ela se tinha esgotado.

O último passeio deu-o terça-feira passada, já não ele mas tão-só o corpo vazio, passando pelos monumentos que estudou, decifrou e tantas vezes animou com a sua presença apaixonada. Abílio Fernandes, presidente da Câmara, disse as palavras banais que eram as únicas justas: «Évora, que ele tão apaixonadamente amou, vai sentir a sua falta, porque perdeu um amigo insubstituível e com ele parte da sua memória».

\*com José Frota



# EVOCAÇÃO DE TÚLIO ESPANCA

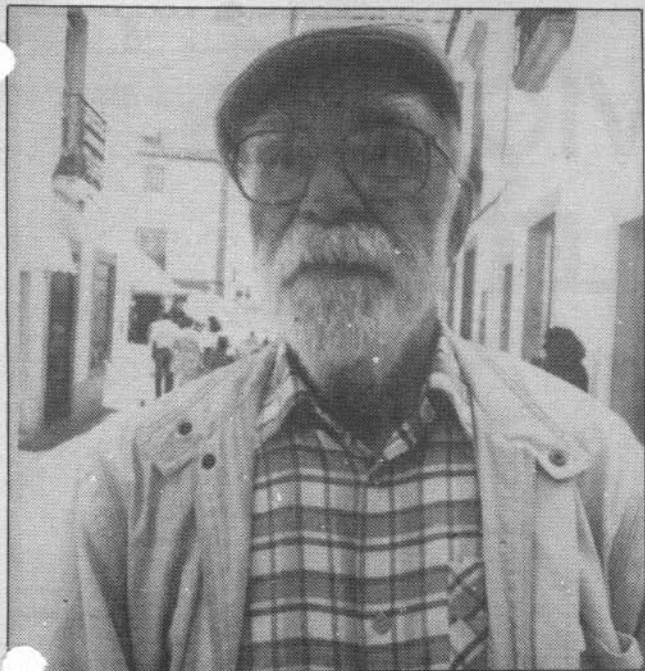
Os do Sor não pode deixar de evocar a figura de Túlio Espanca, recentemente desabarcado. A sua alma de historiador, que o fazia ler as coisas simples da sua Évora com a humildade de quem estava sempre a aprender particularidades do lugar que habitava o seu coração, teve acção determinante na transformação de Évora em património da Humanidade. Chegou ao cume das distinções académicas, «doutor honoris causa pela Universidade de Évora, membro da Academia de História e da Academia Nacional de Belas Artes, ele que fora barbeiro e autodidacta! Amava a sua cidade, o seu Alentejo de cal branca e de searas loiras incendiadas pelo sol, e esse amor corria como um rio de águas límpidas nas pequenas diversas com anónimos cidadãos ou nos momentos solenes, quando ensinava história da cidade, decifrava enigmas esculpido nas pedras ou no pó dos cartórios, a presidentes ou reis. Quando lhe atribuíram o Prémio Europeu para a Conservação dos Monumentos Históricos, explicou: «O prémio, encontro-o melhor entregue à terra que alguns artistas chamavam cidade-museu do

que a mim mesmo, pois somente ela, pelo seu passado monumental e pela sua história, verdadeiramente o merece». Esta sua entrega à cidade traduz-se numa obra de investigação notável, que fica como referência indispensável aos que vão continuar a tentar descobrir sinais de futuro nas sombras do passado»

(Em próxima Edição, Raúl Cóias fará uma apreciação a Túlio Espanca)



**EVOCAÇÃO TÚLIO ESPANCA JORNAL ECOS DO SOR  
PONTE DE SOR 10.05.1993**



## A Morte de Túlío Espanca

Um «homem invulgar na cultura como autodidacta» e uma «figura destacadíssima na História da Arte», foi a expressão utilizada pelo presidente da Câmara Municipal de Évora para elogiar a vida de Túlío Espanca.

«A morte de Túlío Espanca representa a perda de uma grande figura e de um grande homem», disse Abílio Fernandes, que durante muitos anos contactou directamente com o historiador e crítico de arte. Para o autarca, Túlío Espanca era um «homem exemplar, pela sua humildade e pela sua abertura a todas as pessoas que o contactavam, desde investigadores a estudantes, passando por populares».■

# ÉVORA HOMENAGEOU TÚLIO ESPANCA

O historiador Túlio Espanca, familiar da poetisa Florbela Espanca, foi homenageado, no passado fim-de-semana, um ano após a sua morte, por iniciativa das câmaras municipais de Évora e de Vila Viçosa. Nascido em Vila Viçosa, a 8 de Maio de 1913, Túlio Espanca publicou diversas obras sobre o Alentejo e, particularmente, sobre a cidade de Évora.

O município eborense, em colaboração com a Editorial Presença e a Editorial Notícias, procedeu ao lançamento do número 71/76 do boletim "A cidade de Évora" e do livro "Évora", última obra publicada por Túlio Espanca e cuja apresentação foi feita pelo professor Vítor Serão. A Câmara de Vila Viçosa homenageou o historiador no decurso de uma sessão solene, tendo sido descerrada uma placa toponímica com o nome de Túlio Espanca, numa nova rua da vila.

Visitas ao Museu de Arte Sacra, castelo, pelourinho, santuário de Nossa Senhora da Conceição, Convento dos Agostinhos, Porta dos Nós, Igreja de S. Bartolomeu e Palácio Ducal de Vila Viçosa são ou-

tras das componentes da homenagem. Doutor "Honoris Causa" pela Universidade de Évora, Túlio Espanca, que morreu há cerca de um ano, vítima de queda de uma janela da Pousada dos Lóios, em Évora, foi agraciado pelo presidente da República com a Medalha da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Publicou o "Inventário Artístico de Portugal (distritos de Évora e de Beja)", considerada uma preciosa obra de recolha e catálogo do valioso património monumental do Alentejo.

Responsável pela edição do boletim "A cidade de Évora", Túlio Espanca publicou diversos trabalhos sobre a capital alentejana e uma obra sobre os mosteiros de Vila Viçosa.

Túlio Espanca, distinguido pela Câmara de Évora com a Medalha de Ouro da Cidade, era Académico Honorário da Academia Nacional de Belas-Artes, Académico Correspondente da Academia Portuguesa de História. Pela sua vasta obra, recebeu o Prémio Europeu para a Conservação dos Monumentos Históricos.

**EVORA HOMENAGEOU TULIO ESPANCA**  
**JORNAL NOTICIAS PORTO 11.05.1994**